

SUBSTITUIÇÃO DE *SER* POR *HVER* NAS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO DIACRÔNICO

Elisângela GONÇALVES

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

RESUMO

Este trabalho se volta para o estudo de mudanças que envolvem construções existenciais e possessivas no período que compreende os séculos XIII a XVI¹/2, trazendo a contribuição

¹ Seguindo CASTRO (2006), tomamos como português arcaico o período entre os séculos XIII e a primeira metade do século XIV. Já o português médio é um período de transição entre o português arcaico e o português clássico (período fronteiro entre os séculos XIV e XV); o período entre os séculos XVI e XVII, por sua vez, é conhecido como português clássico. Essa visão é compartilhada por MAIA (1995) e BECHARA (1991). CARDEIRA (2005), ao contrário, define esse ponto de vista como “enganador”, considerando o português médio como um período crítico, fundamental na história da língua portuguesa. CASTRO (2006, p. 150) cita “duas simétricas ‘franjas de separação’: uma coincidindo com a segunda metade do séc. XIV [...] e outra franja de igual duração, esta sim assegurando uma certa forma de transição entre o português médio e o português clássico, que CARDEIRA caracteriza como um *patamar de estabilização*. Depois disso, virá o *Português Clássico*. Pensando nessa noção do português médio como período de transição, Charlotte Galves sugeriu que nossa visão de competição de gramáticas parece ser muito permeada pela noção moderna de norma. Assim, poderíamos pensar na existência de duas normas e a substituição de uma pela outra. A língua portuguesa inicial (a do norte - o galego-português) vai ser substituída por um novo dialeto, o de Lisboa a partir do século XIV. Segundo SILVA NETO (1961), trata-se de uma língua comum, nascida do contato de dialetos na grande cidade. MATTOS E SILVA (1994) chama de português arcaico o período que vai do século XII ao XIV).

² GALVES, NAMIUTI & SOUSA (2006) consideram que o surgimento de uma nova gramática parte do processo de aquisição da língua, o que faz com que levem em conta na periodização a data de nascimento do autor e não a data de escrita do texto (havendo divergências da proposta de periodização por elas apresentada em relação à proposta tradicional), embora também tomem o português médio como um período fronteiro entre os séculos XIV e XV. As autoras verificam dois pontos de inflexão (correspondentes ao surgimento de novas gramáticas) na periodização da história da língua portuguesa: “a fronteira entre os séculos 14-15, e o início do século 18” (p. 51). Apesar de compartilharmos desse ponto de vista, não pudemos fazer nossa análise com base na data de nascimento do autor, visto (1) a impossibilidade de precisarmos, em muitos casos, qual é o autor do texto; (2) a falta de informações de qualquer tipo sobre o autor, em outros casos.

de analisar tais mudanças sob uma perspectiva formal, tentando mostrar como se caracteriza a estrutura sintática das orações existenciais com os verbos ser e haver ao longo do tempo. Insere-se numa linha de pesquisa que parte do pressuposto de que as chamadas construções locativas (locativas, possessivas e existenciais) provêm de uma mesma estrutura subjacente (cf. LYONS, 1968; CLARK, 1978; BENVENISTE, 1976; FREEZE, 1992; KAYNE, 2006). Buscaremos explicar essas mudanças com base na noção de “competição de gramáticas” (KROCH, 1994). Tentaremos, todavia, adequar essa noção à de que haver seria derivado de ser por meio de movimento e incorporação (conforme proposta de FREEZE, 1992), pautando-nos num modelo não-lexicalista, como o da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993), segundo a qual os itens funcionais não vêm “prontos” do léxico, mas são obtidos por meio da combinação de traços no decorrer da derivação sintática. Este consistirá no diferencial desta pesquisa em relação a outras já desenvolvidas sobre as mudanças envolvendo esses verbos na história do português.

ABSTRACT

This paper studies existential and possessive changes in 13th to 16th centuries, contributing to the analysis of those changes under a formal perspective, aiming to show the syntactic structure feature of existential constructions with the verbs “ser” and “haver” over time. It follows a line of research that considers the so called locative constructions (locative, possessive and existential) have the same subjacent structure (cf. LYONS, 1968; CLARK, 1978; BENVENISTE, 1976; FREEZE, 1992; KAYNE, 2006). We intend to explain such changes based on the notion of “grammar competition” (KROCH, 1994). Otherwise, we will try to accommodate this notion to that according to the verb “haver” would be formed by movement and incorporation (according to FREEZE, 1992), based on a non-lexicalist model, Distributed Morphology (HALLE & MARANTZ, 1993), according to functional itens are obtained by features matching during syntactic derivation. This is the point that differs this research from others which study changes related to those verbs in Portuguese history.

PALAVRAS-CHAVE

Construções Existenciais. Mudança. Português. Teoria Gerativa. Verbo Haver. Verbo Ser.

KEYWORDS

Change. Existential Constructions. Generative Theory. Portuguese. Verb “Haver”. Verb “Ser”.

Introdução

As construções existenciais têm sido foco de pesquisa de muitos investigadores, sincrônica ou diacronicamente. Vários estudos têm se voltado para a relação entre os verbos que compõem construções possessivas e existenciais³. Isso porque, conforme alguns estudiosos, essas construções possuem uma mesma estrutura subjacente (cf. LYONS, 1968; CLARK, 1978; BENVENISTE, 1976; FREEZE, 1992; KAYNE, 2006). Algumas pesquisas sobre o português tratam do percurso histórico dos verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter*, mostrando a interrelação entre eles na substituição de um pelo outro num dado padrão sentencial, tais como as de MATTOS E SILVA (1995, 1996, 1997, 2002a, 2002b), RIBEIRO (1996) e AVELAR (2004, 2006a, 2006b, 2007). Esses trabalhos leva em conta o fato de os verbos serem intercambiáveis na realização de diferentes funções, como a de auxiliares, possessivos e existenciais.

MATTOS E SILVA (1995) relata que a variação entre as formas *seer* e *habere* em construções existenciais já era verificada no latim vulgar, representadas pelo verbo *esse* no latim clássico, no qual, *habere* estava em competição com *tenere* em construções possessivas nos séculos IV e V. No latim vulgar, *aver* começou a perder os significados do verbo *habere* (do latim clássico: *possuir*, *obter*, *manter*, *reter*, *segurar*, *conter*, *deter*, entre outros), que passaram ao domínio do verbo *teer*, restringindo-se somente ao significado de *possuir*⁴. Isso nos mostra que essas não consistem em mudanças iniciadas no português, mas numa “herança” latina. No

³ Quero agradecer às professoras Charlotte Galves, Ilza Ribeiro e Evani Viotti, que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

⁴ Segundo MATTOS E SILVA (1995), no português arcaico, por outro lado, *haver* ainda ocorre com esses significados.

português histórico, de acordo com MATTOS E SILVA (1995, 1996, 1997, 2002a, 2002b), *haver-existencial* sobrepõe-se a *ser-existencial* no século XV ((1a) e (1b), respectivamente), e *ter-possessivo*, a princípio usado na expressão de posse circunstancial, prevalece sobre *haver-possessivo* em todos os contextos de posse na metade do século XVI (seguem em (2a) e (2b), respectivamente, sentenças com *ter* e *haver possessivos*). O verbo *seer* ainda variava com *star* nas construções locativas/situativas e construções copulares transitórias, como pode ser visto nas sentenças em (3a) e (3b), funções que passaram a ser exercidas somente por *estar* no século XVI. Nesse século, a autora registra um contexto em que o verbo *ter* parece admitir tanto a interpretação de posse quanto a de existência, conforme (4).

- (1) a. *En hua abadia huu tesoureiro avia.*
b. non **foi** quem podesse (MATTOS E SILVA, 1997:262)
- (2) a. Que os çegos a nam **tenham**, ainda que ouçam cousas de que se possa haver.
b. E estas meas voages l, m, r, se chamam líquidas e **houveram** este nome açerca dos latinos. (MATTOS E SILVA, 2002b:128)
- (3) a. Este rey dom Afonso, **seendo** en Castella en este nono anno do seu reinado[...] (Crônica de Afonso X, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
b. [...] e todas aquelas cousas que Deus mi deu em poder **sten** em paz e em folgãcia. (MATTOS E SILVA, 2002a:105)
- (4) [...] se metiam [eles] em almaadias duas ou três que hy **tiinhan**
[...] (MATTOS E SILVA, 1996:187)

De acordo com RIBEIRO (1996), o emprego existencial de *aver* se inicia no Português Arcaico, já que, no latim clássico, as existenciais eram realizadas por *esse*. Segue em (5) sentenças existenciais com os verbos *ter*, *haver* e *ser*, retiradas por RIBEIRO (1996:373) do Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas

- (5) a. e assim caminha
 Para a povoação, que perto *tinha* (Lus. V, 29)
 b. Que aqui gente de Cristo não *havia* (Lus. I, 102)
 c. Um Rei, por nome Afonso, *foi* na Espanha (Lus. III, 23)

Menciona o fato de, no Português Arcaico, o verbo *ser* fazer parte das construções locativas ao lado de *estar*, que prevaleceu nessas construções. Ressalta o fato de, nas existenciais, *ser* e *haver* possuírem um traço locativo, próprio das construções locativas. Foi justamente a perda desse traço que fez com que *ser* deixasse de ser verbo existencial e auxiliar temporal (segundo RIBEIRO, o traço locativo era responsável pela caracterização de um verbo *ser* ou não auxiliar em português)⁵.

Ainda, “*ser* caracteriza-se no PA sempre como um auxiliar verbal, nas perifrásticas passivas e ativas, e **nas construções existenciais e locativas. No PB contemporâneo conserva só o seu estatuto de auxiliar nas perífrases passivas**” (RIBEIRO, 1996:377, grifo nosso).

Assumindo a hipótese da existência de um paradigma locativo envolvendo sentenças locativas, possessivas e existenciais, AVELAR (2004) propõe que *ter-existencial* é formado pelo complexo de traços $v+T$ no componente morfológico. A esse complexo são associados outros, de modo a obterem-se os demais verbos. Assim sendo, $v+T+D$ leva à obtenção de *estar*; somando-se Top a esse complexo ($v+T+D+Top$), gera-se o verbo copulativo *ser*; o complexo $v+T+D+C$ forma o que se tem denominado na literatura *terceira cópula* (cf. KATO, 2007). Enquanto MATTOS E SILVA e RIBEIRO afirmam a inexistência de *ser-existencial* no PB, AVELAR não menciona a possibilidade de tais construções nessa variedade do português⁶.

⁵ RIBEIRO (2006, 1996:361) mostra, ainda, que os verbos que compõem as sentenças existenciais são os mesmos que compõem os tempos compostos. Esses verbos possuem em comum o fato de se caracterizarem “como verbos auxiliares, não atribuidores de papel temático”.

⁶ Em sua tese de Doutorado, Gonçalves (2013) analisou sentenças existenciais com o verbo *ser* no Português Brasileiro Contemporâneo, com base em dados orais de falantes de Vitória da Conquista e Salvador, ambas cidades da Bahia, e de Campinas-SP e São Paulo (capital).

Neste trabalho, vamos nos centrar nas sentenças existenciais construídas com *ser* e *haver*, conforme os exemplos a seguir.

(6)

- a. [...] djzendo q(ue) era uerdade q(ue) antre elles **fora** (con)tenda. (Textos notariais in Clíticos da História do Português, Séc. XV. Fonte: CIPM)
- b. Título p(ri)m(eyr)o q(ue) fala das leys e **som** XIX leys en este titulo. (Alphonse X, Primeyra Partida, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- c. [...] diz a Sancta Escriptura que não **é** huu mayor enmigo ca aquel que dana a boa fama do outro. (Afonso X, Foro Real, 1280(?). Fonte: CIPM)

Mostramos no par de sentenças em (7) abaixo que o verbo *ser* ocorre em contexto análogo ao que ocorre o verbo *haver*, sem que haja aparente prejuízo ou alteração de sentido.

(7)

- a. Falando primeiro da soberva que procede da presunçom e desejo de propria vantagem, em ella **sam** tres partes. (Leal Conselheiro, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- b. Do entendimento nosso, segundo minha declaraçom, **ha** VII partes. (Leal Conselheiro, Séc. XIV. Fonte: CIPM)

Tomaremos como base nesta análise o *Blocking Effect* (Aronoff 1976), princípio a que KROCH (1994) recorre para analisar fenômenos de variação e mudança linguísticas. KROCH (1994:1-2) concebe os *doublets* (duplos) como reflexos de ‘competição de gramáticas’, dado que, de acordo com o *Blocking Effect*, os “*doublets* are always reflections of unstable competition between mutually exclusive grammatical options”. Nossa abordagem se pautará, entretanto, numa perspectiva não-lexicalista, da Morfologia Distribuída, conforme proposto por EMBICK (2007),

que discorda dessa visão “tradicional” de *blocking effect*, argumentando que, na formação dos comparativos e superlativos do inglês, por exemplo, a forma sintética *smarter* não bloqueia a forma analítica **more smart* – formas analíticas são disponíveis em outros contextos, como *more intelligent*. Casos como esse não envolvem bloqueio baseado em competição entre palavras ou entre palavras e sintagmas (isso já fora notado por DI SCIULLO & WILLIAMS (1987). Ao contrário, efeitos de bloqueio se limitam a efeitos de mecanismos distintos, como (1) Inserção Vocabular em um determinado morfema, e (2) operação de processos combinatórios (EMBICK, 2007:1). O seu trabalho examina a formação dessas estruturas, buscando mostrar como é possível dar conta de efeitos de bloqueio em uma abordagem que envolve sintaxe e morfologia.

Segundo o autor,

[...] competition is restricted to one aspect of the derivation of complex forms, namely the consideration of the phonological form of single nodes (morphemes). There is no competition at the level of outputs, so that larger objects like “words” do not compete with one another. Consider, for example, *take-en* versus **take-ed*. *Take-en* exists only as the result of a particular derivation, and has no independent existence on a list like the VI that inserts *-(e)n* in certain participial structures does. **Take-ed* is not derived at all; i.e. it could only exist if the grammar were altered.

[...] There is therefore no sense in which *intelligenter* and *more intelligent* exist on lists that are consulted for insertion, nor does the grammar generate both *intelligenter* and *more intelligent* and select a winner. Rather, the syntax and PF generate a structure which, after Vocabulary Insertion, receives the phonological form of *more intelligent*. (EMBICK, 2007:6-7)

Também assumimos nesta pesquisa pressupostos minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995).

Temos por objetivo: (a) demonstrar quando o verbo *haver*, que expressava posse, passou a designar existência, substituindo *ser* como verbo existencial canônico do português; (b) mostrar sintaticamente (estruturalmente) quais complexos de traços licenciam a obtenção do verbo *ser-existencial* em oposição ao verbo *haver-existencial*, o que distingue este trabalho de outros, como o de MATTOS E SILVA (1989, 1994, 1996, 1997, 2002) e RIBEIRO (1996), seguindo a linha de trabalhos que consideram que o verbo de posse/existência é resultado de uma derivação sintática e que são obtidos a partir de uma base comum; e (c) verificar se essa substituição de *ser* por *haver* na expressão de existência é ou não decorrente da ação do *Blocking Effect* nos moldes aqui assumidos (conforme explicitado acima).

Analisamos textos dos séculos XIII-XVI, provenientes do *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*⁷ e do *Corpus Tycho Brahe*^{8,9}. Foram coletados 601 dados¹⁰ (204 sentenças existenciais e 397 possessivas) que foram submetidos ao *Goldvarb 2001*, programa usado como ferramenta metodológica, que, por meio de tratamento estatístico/probabilístico, aponta os fatores mais importantes para a ocorrência de uma dada variável dependente¹¹. Considerando que estamos analisando a aplicação

⁷ O CIPM conta com a organização de uma equipe do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa dirigida pela professora Maria Francisca Xavier e sob a assessoria de Anthony Kroch (Universidade da Pensilvânia) e Stephen Parkinson (Universidade de Oxford). Encontram-se nos materiais já digitalizados em seu acervo documentos produzidos nas regiões de Portugal e Galícia entre os séculos XII e XVI (textos notariais, crônicas e cantigas).

⁸ Procuramos analisar os dados, considerando (a) os séculos divididos por quinquênios; e (b) os textos divididos de acordo com os seguintes gêneros textuais: documentos notariais, textos narrativos e textos dissertativos. Todavia isso não foi possível no século XIII, devido à reduzida quantidade de dados, tampouco no XVI, visto que, na segunda metade desse século, não encontramos documentos notariais nem textos dissertativos.

⁹ As referências desses textos constam no final deste artigo.

¹⁰ Conforme ocorre nos dados analisados por MATTOS E SILVA (2002b), nesta pesquisa também são poucas as ocorrências de construções existenciais nos textos.

¹¹ De acordo com MOLLICA (1992: 10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”, que, por sua

de construções existenciais com o verbo *haver* em oposição às existenciais com o verbo *ser*, nas rodadas desse Programa, estão sendo levados em conta os valores percentuais e pesos relativos referentes às existenciais com o verbo *haver*. O programa atribuiu o *input* de 0.750 à aplicação da regra, ou seja, às ocorrências de existenciais com o verbo *haver*, o que significa que, no *corpus* como um todo, levando-se em consideração todos os grupos de fatores, a ocorrência do verbo *haver* foi qualitativamente mais importante que a de *ser*.

Dividimos este trabalho em duas etapas. Na primeira, apresentamos (na seção 2) propostas, dentro do arcabouço gerativista, que abordam a relação entre construções existenciais e possessivas, considerando o fato de ambas serem provenientes de uma mesma base estrutural. A seção seguinte se estrutura da seguinte forma: (a) em uma primeira fase, analisamos quantitativamente os dados, com base em fatores condicionadores intra e extralinguísticos, observando a variação/mudança que envolvem os verbos *ser* e *haver* nas construções existenciais (e, por necessidade, voltando-nos para a substituição de *haver* por *ter* na expressão de posse); (b) em uma segunda fase, procedemos à análise qualitativa dos dados, apresentando hipóteses em termos teóricos para o fato de o verbo *haver* ter passado de possessivo a existencial, ocupando o lugar do verbo *ser*. Na segunda etapa, na seção 4, apresentamos, em linhas gerais, a proposta de ‘competição de gramáticas’ (KROCH, 1994), discutindo os ‘desafios’ que se coloca ao linguista histórico, ao lidar com dados de épocas passadas, para mostrar que a variação ou mudança linguística observada nos textos escritos se dá entre opções gramaticalmente incompatíveis, refletindo, assim, competição entre gramáticas.

vez, consistem em formas alternativas que representam um fenômeno em variação, conhecido como variável dependente. Um exemplo de variável lingüística (ou fenômeno variável) dado pela autora é a concordância entre o verbo e o sujeito, que “se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância” (p. 11). A concepção de variável dependente provém do fato de que o uso das variantes é condicionado por grupos de fatores (variáveis independentes) sociais ou estruturais.

1 Relação entre construções existenciais e construções possessivas

Se tomarmos como verdadeira a hipótese de que construções possessivas, existenciais (e copulativas) provêm de uma mesma estrutura subjacente, uma estrutura inerentemente locativa construída a partir de um verbo copulativo (LYONS, 1968; CLARK, 1978; BENVENISTE, 1976; FREEZE, 1992; KAYNE, 2006), acreditamos que poderemos explicar melhor as mudanças envolvendo os verbos *ser* e *haver* existenciais na história do português.

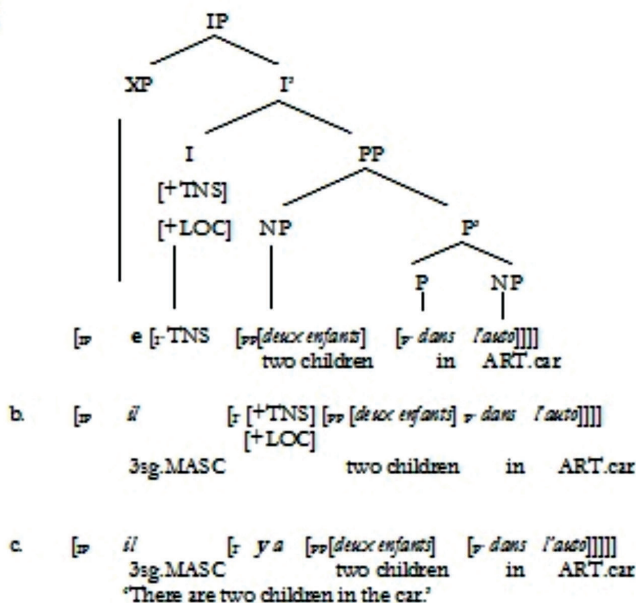
FREEZE (1992:565), numa perspectiva gerativista, propõe que construções *locativas*, como em (8b), *existenciais*, (8c), e *possessivas*, em (8d') abaixo, são geradas de uma única estrutura subjacente em torno de um verbo copulativo, em que a preposição é o núcleo do sintagma predicativo, como demonstrado com exemplos do russo¹². Os movimentos a partir dos quais essas construções são formadas se baseiam na definitude do Tema: (i) um Tema definido é movido para o início da sentença (posição de sujeito, [Spec,IP]), gerando um *predicado locativo*, (8b); (ii) um Tema indefinido permanece *in situ* e o sintagma preposicionado se move para a posição de sujeito, o que leva à obtenção de dois padrões sentenciais: (iia) o *existencial*, quando o locativo possui o traço [-humano], (8c); (iib) e o *possessivo*, quando o locativo tem, preferencialmente, o traço [+humano], (8d) e (8d').

¹² Essa estrutura é composta por uma cópula, um Tema e um locativo; os dois últimos gerados dentro do Sintagma Preposicionado (PP).

- (8)
-
- a. [P e [I: ðy'la [PP [NP k'ni'ga] [P: na sto'h]]]]
- b. [P [NP k'ni'ga]: [I: ðy'la [PP t [P: na sto'h]]]]
 book.NOM.FEM was on table.LOC
 'The book was on the table.'
- c. [P [P: na sto'h]: [I: ðy'la [PP [NP k'ni'ga] t:]]]
 on table.LOC was book.NOM
 'There was a book on the table.'
- d. [P [P: u men'ja]: [I: [+TNS] [PP [NP ses'tra] [P: t:]]]]
 at 1sg.GEN [+LOC] sister-NOM
- d'. u men'ja ðy'la ses'tra
 at 1sg.GEN COP sister-NOM
 'I had a sister.'

Para as línguas românicas, FREEZE (1992:566) prevê uma arquitetura diferente da apresentada acima, que conta com a presença do que ele chama *proforma* (clítico locativo), conforme representado em (9) a seguir, com um exemplo do francês:

(9)



Para esse autor, a proforma nessas línguas não ocupa a posição de sujeito, visto no francês essa posição ser ocupada pelo quase-argumento *il* (expletivo nos termos de CHOMSKY, 1995, conforme mostraremos adiante). Propõe, assim, que a proforma é uma realização do traço de *Infl* em PF (Forma Fonológica), sendo lexicalmente inseparável de AGR (concordância) e/ou TNS (tempo), mas nunca adjacente ao sintagma locativo, além de ter uma relação de precedência estreita com este (evidências do seu caráter locativo).

Com relação às *possessivas*, a sua unidade com as *existenciais* é evidenciada em línguas como o hindi, em que ambos os padrões sentenciais apresentam os mesmos constituintes na mesma ordem, como podemos ver em (10). Conforme afirmado acima, é o traço [\pm humano] que diferencia *possessivas* de *existenciais*.

(10) Hindi:

a. **kamree-ẽẽ** aadmii hai.
 room.OBL-in man COP.3sg.PRES
 LOC]

‘There is a man in the room.’

b. **larkee-kee** **paas** kuttaa hai.
 boy.OBL-GEN proximity dog COP.3sg.PRES
 [+LOC]

‘The boy has a dog.’ (lit. ‘By the boy is a dog.’) (FREEZE, 1992:567)

que se refere à forma verbal empregada nas possessivas, em algumas línguas, como o português, o possuidor, que é gerado dentro do sintagma preposicionado (PP), se move para a posição de sujeito e a preposição (P), núcleo do PP, permanece *in situ*, adjacente a I, obtendo-se a forma *está com*, conforme (11) a seguir. Quanto ao verbo *ter* (assim como o verbo inglês *have*), o autor propõe que este é obtido por meio da incorporação da preposição (P) a Infl, segundo o exemplo em (12).

(11) O menino ***está com*** fome.

(12) O menino ***tem*** fome. (FREEZE, 1992:567)

KAYNE (2006:16) se baseia na proposta de FREEZE (1992) e SZABOLCSI (1983, 1994) de que as possessivas são originadas a partir das existenciais. Demonstra a equivalência entre as mesmas apontando a possibilidade de o clítico *ci*, constituinte que está presente nas existenciais, ocorrer em sentenças possessivas em alguns dialetos do italiano, como em (13) abaixo.

(13) Gianni *c’ha* una sorella. (‘G *ci* has a sister’) (KAYNE, 2006:16)

A derivação das possessivas segue a das existenciais pelo fato de seu verbo tomar um único argumento (a despeito da possibilidade de adicionar-se um locativo):

- (14) ...[ci una sorella di Gianni]_{indef.DP}... --> raising of 'una sorella di Gianni'
...[una sorella di Gianni]_i...[ci t_i]... --> merger of V
...è [una sorella di Gianni]_i...[ci t_i]... --> remnant movement
...[ci t_i]k è [una sorella di Gianni]_i...tk...
C'è una sorella di Gianni... ('there is a sister of G...') (KAYNE, 2006:17)

Até o ponto a que se chegou na derivação acima, obtém-se uma sentença existencial, 'C'è una sorella di Gianni...' ('there is a sister of G...'). Seguindo a derivação, o possuidor *Gianni* é movido de dentro do sintagma 'una sorella di Gianni' para a posição de sujeito, obtendo-se uma sentença possessiva.

- (15) ...[ci t_i]k ha [una sorella Gianni]_i...t_k... --> raising of the possessor
...Gianni_m [ci t_i]k ha [una sorella t_m]_i...t_k... (KAYNE, 2006:17)

Para KAYNE, as existenciais de todas as línguas românicas possuem, na posição de sujeito, tanto clíticos locativos, do tipo do *y* (considerados pelo autor como um 'modificadores dêiticos', na medida em que é gerado juntamente com o DP a que modifica dentro de uma *small clause*)¹³ quanto um quase-argumento, como *il* (ambos do francês). Tanto o clítico como o quase-argumento poderão ser nulos em algumas línguas.

¹³ O foco de seu texto é discutir o papel desses constituintes nas sentenças existenciais e possessivas das línguas românicas, e demonstrar que esses não são, de fato, expletivos: *y*, *hi*, *ci* são modificadores dêiticos que são gerados junto com o associado (a que modificam) e *il* é um quase-argumento.

Consideraremos em nossa análise as hipóteses de FREEZE (1992) e KAYNE (2006) de que clíticos locativos (ou, apenas, locativos) e quase-argumentos entram na composição das sentenças existenciais das línguas românicas (numa maneira a ser explicitada), discutindo o seu papel na formação das existenciais com os verbos *ser* e *haver*, bem como a de que as construções possessivas são geradas a partir das existenciais.

2 Substituição de *ser* por *haver* nas construções existenciais

2.1 Variação entre *ser* e *haver* existenciais – condicionadores extralinguísticos

Na Tabela 1 abaixo, podemos ver que o verbo *ser* é mais representativo que *haver* nas construções existenciais no século XIII, conforme demonstra o peso relativo que as construções com *ser* apresentam nesse período: 0.823. A situação mantém-se assim até a primeira metade do século seguinte, em que o peso relativo aponta o fato de esse período ainda favorecer o emprego de *ser-existencial* (0.648). Observa-se, entretanto, uma mudança de comportamento quanto ao emprego das existenciais no terceiro período (1350-1399), cujo peso relativo de 0.614 leva ao uso de *haver*. A partir de então, todos os pesos relativos dos séculos seguintes favorecem a ocorrência das existenciais com esse verbo, até que, na segunda metade do século XVI, *haver* já substitui por completo o verbo *ser* nesse tipo de construção. O que podemos notar na Tabela 1 é que nem sempre peso relativo e valores percentuais “caminham juntos”. Isso pode ser observado no período de 1300-1349, em que, embora os percentuais de ocorrências de *haver* sejam superiores aos de *ser* (respectivamente, 59% e 41%), em termos de peso relativo, esse período é selecionado como significativo para a ocorrência de *ser*-

existencial, ou seja, esse fator, considerado com os demais fatores (sejam linguísticos ou extralinguísticos), está favorecendo o emprego de *ser* nas existenciais.

TABELA 1: Verbo Ser Existencial, de acordo com o Século

SÉCULO VERBO	Ser				Haver			
	N	T	(%)	p. r.	N	T	(%)	p. r.
XIII	23	39	59	0.823	16	39	41	0.177
1300-1349	16	39	41	0.648	23	39	59	0.352
1350-1399	16	37	43,2	0.386	21	37	56,8	0.614
1400-1449	6	21	28,6	0.139	15	21	71,4	0.861
1450-1499	6	17	35,3	0.264	11	17	64,7	0.736
1500-1549	4	16	25	0.338	12	16	75	0.662

Quanto às construções possessivas, *haver* se mantém como verbo possessivo canônico do português até a segunda metade do século XIV, entre os períodos 1 a 3 (como indicado tanto em termos percentuais, respectivamente, 78,4%, 66,7%, 77,2%, quanto em pesos relativos (respectivamente, 0.805, 0.670, 0.828)). Entretanto, considerando o peso relativo, verificamos uma variação entre os empregos de ambos os verbos na primeira metade do século XV, o que é muito significativo considerando o ponto de vista de GALVES, NAMIUTI & SOUSA (2006) de que, num processo de mudança, deve-se olhar para o momento inicial (de surgimento das novas formas), não para quando a mudança já está concluída. Nossos resultados condizem com o que apontam as autoras, isto é, com o fato de um período de inflexão na história da língua portuguesa ser a fronteira entre o século XIV e o XV. A virada se dá no período seguinte (1450-1499), em que o verbo *ter* é favorecido por peso relativo de 0.809, ocorrendo o mesmo no século seguinte

(peso relativo de 0.888), até que não encontramos nos dados nenhuma ocorrência de *haver-possessivo* na segunda metade do século XVI. Esses resultados podem ser conferidos na Tabela 2 a seguir.

TABELA 2: Verbo Haver Possessivo, de acordo com o Século

SÉCULO VERBO	Haver				Ter			
	N	T	(%)	p. r.	N	T	(%)	p. r.
XIII	105	134	78,4	0.805	29	134	21,6	0.195
1300-1349	46	69	66,7	0.670	23	69	33,3	0.330
1350-1399	61	79	77,2	0.828	18	79	22,8	0.172
1400-1449	62	100	62	0.586	38	100	38	0.414
1450-1499	16	95	16,8	0.191	79	95	83,2	0.809
1500-1549	11	126	8,7	0.112	115	126	91,3	0.888

Concluimos que, à medida que o verbo *haver* vai espreado seu uso entre as construções existenciais, vai perdendo seu uso entre as possessivas. Em termos de progressão, observamos que a expansão do verbo *haver-existencial* se dá mais rapidamente que a do verbo *ter-possessivo*, pois as ocorrências com o primeiro já superam as construções com *ser-existencial* no terceiro período, enquanto as construções com *ter-possessivo* só ganham projeção sobre as construções com *haver-possessivo* no período 5.

Na próxima seção, tentaremos explicar, em termos teóricos, o que motivou essas mudanças.

Outro fator relevante é o *gênero textual*¹⁴: documentos notariais, textos narrativos (crônicas) e textos dissertativos (normas sobre a conduta, comportamento a ser adotado na vida em sociedade).

De modo a obtermos alguma indicação sobre a dinâmica da mudança, decidimos cruzar o grupo de fatores *gênero textual* com *século*.

¹⁴ Não entraremos no mérito da terminologia ‘gêneros textuais’, deixando de lado o fato de que, segundo algumas teorias voltadas para a análise textual, documentos notariais não consistiriam num gênero textual, por exemplo.

Para a análise desses grupos, tivemos que descartar os dados do século XVI, já que, na primeira metade desse século, não foram encontrados textos dissertativos e, na segunda, só encontramos textos do gênero narrativo, o que poderia comprometer a análise. Como podemos ver na Tabela 3 abaixo, no século XIII, o verbo *ser-existencial* era mais usado que *haver* tanto nos documentos notariais, com 86% de ocorrências, quanto nos textos dissertativos, com 60%. Ambos os verbos variam nos textos narrativos, em que *ser* apresenta percentual de 52% e *haver*, de 48%. Todavia, é neste tipo de texto que *haver* começara a ter maior projeção nas construções existenciais nos séculos posteriores. Na primeira metade do século XIV, *ser* continua a se destacar nos documentos notariais, com 67%, enquanto *haver* vai ganhando espaço nas narrações, com 65%, bem como nos textos dissertativos, em que varia com *haver*, cada um apresentando 50% de ocorrências. No segundo quinquênio desse século, justamente quando *haver* se sobrepõe a *ser* nas existenciais, conforme demonstramos na Tabela 1, o emprego de *haver* se sobressai ao de *ser* nos documentos notariais, com 67%, e nas narrações chega a 100%. Ambos continuam a variar nas dissertações: *ser* com 54% e *haver* com 46%. O mesmo quadro se delineia no período de 1400-1449, em que *haver* alcança 100% de ocorrências tanto nos documentos notariais quanto nas narrações, variando com *ser* nos textos dissertativos, com 54% para 46% de *ser*. Os resultados obtidos na segunda metade do século XV são curiosos e não encontramos uma explicação para eles, pois *ser* apresenta 67% de ocorrências nos documentos notariais e varia com *haver* nas narrações, com 50%; *haver* predomina nas dissertações, com 88%.

TABELA 3: Verbo Haver Existencial, de acordo com o Gênero Textual e o Século¹⁵

GÊNERO SÉCULO	DOCUMENTO NOTARIAL				NARRAÇÃO				DISSERTAÇÃO			
	SER		HAVER		SER		HAVER		SER		HAVER	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
III	6	86	1	14	14	52	13	48	3	60	2	40
1300-1349	4	67	2	33	11	35	20	65	1	50	1	50
1350-1399	1	33	2	67	0	0	6	100	15	54	13	46
1400-1449	0	0	1	100	0	0	7	100	6	46	7	54
1450-1499	2	67	1	33	3	50	3	50	1	12	7	88

Os dados acima nos mostram que os textos narrativos são a porta de entrada para o verbo *haver-existencial*, enquanto os dissertativos consistem no contexto de resistência para *ser*.

Também, a fim de observarmos a dinâmica da mudança, analisamos, Tabela 4 a seguir, como se comporta o grupo de fatores *Definitude do Tema* ao longo do tempo, constatando que o verbo *haver* já se destaca com DPs indefinidos desde o século XIII, com 62%, com os quais sempre mantém percentuais superiores aos de *ser*; a partir da primeira metade do século XIV, sobressai-se a *ser*, de um modo geral, com 75%. Ao contrário, nunca obtém percentuais elevados com temas definidos. A segunda metade desse século chama a atenção pelo fato de *haver* e *ser* variarem com todos os tipos de DPs.

¹⁵ Se observarmos atentamente, há uma diferença significativa quanto à quantidade de dados com *haver* existencial, pois nesta tabela estes totalizam 98 (sendo que no cômputo total as ocorrências com *haver* existencial somam 219). Isso se explica devido a alguns fatores terem sido excluídos, como, por exemplo, os dados do século XVI, pelo fato de contarmos essencialmente com textos narrativos nesse período.

TABELA 4: Verbo Haver Existencial, de acordo com a Definitude do Tema e o Século¹⁶

DEFINITUDE SÉCULO	INDEFINIDO				BARE NOUN ^{16a}				DEFINIDO			
	SER		HAVER		SER		HAVER		SER		HAVER	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
III	5	38	8	62	3	75	1	25	2	67	1	33
1300-1349	1	8	11	92	1	25	3	75	6	100	0	0
1350-1399	8	42	11	58	2	50	2	50	1	50	1	50
1400-1449	1	14	6	86	0	0	4	100	4	100	0	0
1450-1499	1	12	7	88	1	33	2	67	1	50	1	50

Os grupos de fatores sociolinguísticos serão de suma importância na discussão a ser estabelecida na seção 4, quando abordaremos a variação e a mudança linguísticas com base na noção de ‘competição de gramáticas’, segundo KROCH (1994).

¹⁶ Assim como ocorreu na Tabela 2, nesses resultados não está representado o total de ocorrências nem do verbo *haver* (148 de 219 ocorrências) nem do verbo *ser* (41 de 71 ocorrências). Isso se deve à exclusão de alguns fatores que não apresentam variação: no grupo de fatores *concordância*, por exemplo, houve 100% de concordância com *ser* e 0%, com *haver*.

^{16a} Em termos de definitude, os bare nouns estão sendo analisados como indefinidos em oposição aos DPs definidos, mesmo quando possuem uma leitura genérica, como no caso de “Lá não tinha nada [...] Ali era mato”. A distinção entre indefinidos e bare nouns se justifica por fatores morfossintáticos: se se trata de um DP introduzido, por exemplo, pelos quantificadores *um* e *muito*, no primeiro caso, ou se se trata de um NP (o caso dos bare). Remetemos os leitores a SCHMITT, Cristina; MUNN, Alan. Against the Nominal Mapping Parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. *Proceedings of Nels* 29, 1999; CHENG, Lisa Lai-Shen; SYBESMA, Rint. Bare and not-so-bare nouns and the structure of NP. *Linguistic Inquiry* 30:509-542, 1999; CHIERCHIA, Gennaro. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics* 6, 339-405, 1998.

2.2 Variação entre *ser* e *haver* existenciais – condicionadores intralinguísticos

Foram selecionados como significativos para a ocorrência de *ser* e *haver existenciais* os grupos de fatores intralinguísticos: (1) *definitude do Tema*; e (2) *realização do pronome hy*^{17 18}.

Quanto à *Definitude do Tema*, *haver* é favorecido por temas indefinidos, com peso relativo de 0.596 (exemplo em (16)); *ser*, por outro lado, ocorre preferencialmente com temas definidos, apresentando 0.941 de peso relativo, conforme exemplo em (17). Esses resultados podem ser conferidos na Tabela 4 abaixo. Ressaltamos que, em termos teóricos, para um gerativista, quando se fala em “preferencialmente”, está-se querendo apontar para o fato de que, na gramática internalizada do falante, a estrutura própria para a ocorrência de *ser-existencial* era aquela em que este seleciona como complemento um DP [+definido], embora possa ocorrer com DPs indefinidos e *bare nouns* em dados contextos. O fato de acontecer com menor ou maior peso relativo diz respeito ao reflexo da gramática do falante (fator interno) nos textos produzidos por ele (fatores externos).

¹⁷ Tomando como *variável dependente* a especificidade do verbo nas existenciais (*ser/haver*), consideramos os seguintes fatores intralinguísticos que poderão nos levar a capturar o comportamento das construções existenciais: (a) *a definitude do Tema* (se definido, indefinido, *bare noun*); (b) *a posição ocupada pelo Tema na sentença* (se à esquerda ou à direita do verbo); (c) *o conteúdo nocional do Tema* (se [+animado], [inanimado material], [evento], [abstrato]). Ainda, a fim de verificarmos se fatores de natureza morfológica poderiam estar favorecendo o emprego de *ser* ou de *haver*, adicionamos à análise os grupos de fatores *tempo e modo verbais e concordância entre o verbo e o Tema*. Incluímos também o grupo de fatores *realização do pronome locativo hy*, pelo fato de a presença desse locativo com o verbo *haver* (mas não com *ser*) chamar a atenção nas construções existenciais. Voltando-nos para a análise da mudança de *haver* de verbo possessivo a existencial, observamos *o estatuto do argumento interno* (se argumental ou quase-argumental (expletivo)), tomando como variável dependente o padrão sentencial em que ocorre o verbo *haver* (*possessivas/existenciais*). Nesta seção, priorizaremos os grupos de fatores selecionados como significativos pelo Goldvarb.

¹⁸ O leitor constatará, ao longo deste texto, que são utilizadas diferentes grafias para o clítico locativo, tais como *hi*, *hy*, *i*, *y*.

(16)

- a. **Avya** hi *muytos mouros vezinhos acerca da cidade* (Crônica de D. Afonso, Séc. XIV. Fonte: CIPM)

(17)

- a. **O primeiro Hercoles** *foy* em [o] tempo de Moyses, pero que naceu ante que elle, e este fez muytos grandes e bõos feytos pero nom som contados **ẽ** estas estorias. (Crônica Geral de Espanha, Séc. XIV. Fonte: CIPM)

TABELA 5: Verbo Haver Existencial, de acordo com a definitude do Tema

Definitude do Tema	N	T	(%)	p. r.
Definido	4	19	21,1	0,059
Indefinido	108	127	85	0,596
Nome nu	36	43	83,7	0,517

O grupo de fatores que considera a *posição do Tema* na sentença, embora não selecionado como significativo pelo Goldvarb, nos diz muito sobre os resultados obtidos, visto que está relacionado com a *definitude do Tema*, pois os temas definidos normalmente se encontram à esquerda do verbo (cf. exemplo em (17) acima), o que confirma o que vários estudos têm apontado: a “rejeição” de temas pós-verbais definidos em sentenças existenciais (cf. FREEZE, 1992; BELLETTI, 1998; entre outros)¹⁹. Assim, quando o Tema é definido, uma estratégia seria a de deslocá-lo para uma posição externa à sentença²⁰.

¹⁹ Uma exceção são as sentenças em que ocorrem os chamados contextos de lista, conforme numa sentença como “Tem o pai do Aroldo querendo uma vaga no Conselho de País”, ou seja, o pai do Aroldo faz parte de um grupo que inclui outros pais que querem fazer parte do Conselho.

²⁰ Vale ressaltarmos que são muito escassas as ocorrências de existenciais com temas definidos em nossos dados.

Os pesos relativos referentes à *realização do pronome **hy*** demonstram que o uso de *haver* é condicionado pela realização desse elemento (0.733), enquanto *ser* apresenta uma única construção com *hy* (com peso relativo de 0.267), conforme exemplos em, respectivamente, (18a) e (18b). Os resultados referentes ao verbo *haver* se encontram na Tabela 5 abaixo.

(18)

- a. E ainda **ha** *hy* outra maior cousa q(ue) os leigos q(ue) [...] (Alphonse X, Primeyra Partida, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- b. [...] e out(ro)ssy os beens q(ue) **hy** *som* e q(ue) **podẽ** seer. (Alphonse X, Primeyra Partida, Séc. XIV. Fonte: CIPM)

TABELA 6: Construções existenciais com o verbo *haver*, de acordo com a presença do locativo *hy*

Locativo <i>hy</i>	N	T	(%)	p. r.
Presença	22	35	62,9	0,733
Ausência	197	484	40,7	0,482

Quanto ao grupo de fatores *Concordância entre o verbo e o Tema*, verificamos 100% de concordância com *ser*, conforme exemplo em (19) a seguir, e 0% de concordância com *haver*, como em (21). Esse grupo de fatores não foi selecionado pelo *Goldvarb*, não sendo obtidos pesos relativos, visto que esse Programa não procede a rodadas em que não há variação: nessa situação, aconteceram casos categóricos de realização de concordância com *ser* e nenhum caso com *haver*. Esses resultados são muito interessantes para a hipótese aqui desenvolvida, a ser apresentada na próxima seção, pois correlacionamos o fator concordância ao tipo de clítico locativo/quase-argumento que licencia cada verbo existencial (*ser* e *haver*).

- (19) a. Título #VI° da pẽedença q(ue) he o #III° sacram(ẽ)to e p(or) q(ue) ha assy nome e *som q(ua)rẽeta e hũa leis*. (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)

- (20) Capitullo primeiro Das partes do nosso entendimento. Do entendimento nosso, segundo minha declaração, *ha #VII partes*. (Leal Conselheiro, séc. XV. Fonte: CIPM)

Na seção 4, analisaremos a importância dos resultados quantitativos para as mudanças aqui estudadas.

3 Mudanças envolvendo verbos existenciais e possessivos no português medieval – propostas de análise

Conforme pôde ser visto na seção 3.1, foi no século XVI que o verbo *haver* se fixou como verbo existencial canônico do português. Neste tópico, apresentaremos hipóteses para as causas que podem ter levado *haver* a migrar dos contextos possessivos para os existenciais, tomando o posto de *ser* como verbo existencial.

Partimos nossa análise de um fator que chamou a atenção nas construções existenciais com *haver*, que é a realização do pronome *hy*.

Como notado por FREEZE (1991) e KAYNE (2006), é próprio das línguas românicas a presença de um clítico locativo em construções existenciais, conforme os seguintes exemplos retirados de FREEZE (1992:567-568):

- (21) French:

- a. Il **y** a deux enfants dans l'auto.
it p has two children in the car.
'There are two children in the car.'

Italian:

- b. Non **ci** sono uomini in casa.
NEG p are men in house
'There are no men in the house.'

Catalan:

- c. No *hi* ha peix al menu d'avui.
 NEG p have fish on.the menu of.today
 'Isn't there fish on today's menu?'

KAYNE (2006) ressalta o fato de que o português e o espanhol contemporâneos, apesar de não apresentarem uma contraparte visível do *y* francês (com exceção do tempo presente no espanhol: *Hay* gente en el pasillo), devem dispor de uma versão nula desse elemento. Acreditamos que os resultados desta pesquisa corroboram a sua afirmação, já que, no português antigo, encontramos vestígios da presença de tal locativo nas existenciais do português, evidenciando a sua realização fonológica (*hy* e suas variantes *hi*, *y*...) nas sentenças com o verbo *haver*, o que aproxima o português de suas irmãs. As existenciais com *ser*, por sua vez, contariam com um locativo do tipo do *ci* italiano, só que nulo, como argumentaremos a seguir.

Podemos observar nas sentenças existenciais em (21a) e (21c) acima, respectivamente do francês e do catalão, que, quando o verbo realizado é *haver*, o locativo que ocorre com ele é do tipo do *y/hi*. Quando se trata do verbo *ser*, como no italiano (21b), o locativo é *ci*. Outro ponto relevante é que no italiano é ativada a concordância entre o verbo *ser* e o tema, enquanto, no francês e no catalão, não ocorre concordância. Esse fator também é atestado nos resultados apresentados na seção 3.2 deste trabalho, visto que com *ser* é verificado 100% de concordância com o tema, enquanto com *haver*, 0%. Observamos, desse modo, que o fator *concordância* está relacionado ao tipo de clítico locativo que ocorre com o verbo existencial.

Mas essa não é toda a história. Ainda, para KAYNE, assim como o francês apresenta *il* na posição de sujeito das suas existenciais, as demais línguas românicas também contam com um sujeito quase-argumental (nos termos de CHOMSKY, 1981), só que na sua versão nula.

Quanto ao argumento que ocorre na posição de sujeito das construções existenciais, recorreremos à distinção feita por CHOMSKY (1995) entre “expletivos puros”, do tipo de *there* do inglês (que não possui traços- φ nem traço de Caso) e expletivos com Caso e traços- φ (categorias quase-argumentais (CHOMSKY, 1981)), *it* do inglês e *il* do francês²¹.

Os “expletivos” (puros e quase-argumentais) possuem estreita relação com os clíticos locativos do tipo de *y*, *hi*, *ci*. Logo, quando o pronome locativo é do tipo de *ci*, um expletivo puro aparece na posição de sujeito. Trazendo para a discussão os pressupostos assumidos por CHOMSKY (1995) quanto à checagem de traços, podemos afirmar que, nesse caso, numa sentença, como em (22) a seguir, T, uma sonda com traços- φ que precisam ser valorados, procura um elemento que possua esses traços valorados com que possa combinar os seus, encontrando o DP (Tema). Assim, T, além de valorar os traços- φ , compartilha com o tema o traço de Caso nominativo. Contudo, ainda resta um traço de T a ser valorado, o traço EPP. Esse traço exige a presença de um elemento em [Spec,TP], que, conforme vemos em (22), não se trata do tema, que permanece em posição pós-verbal; logo, o traço EPP só poderá ser satisfeito por um expletivo puro, que não possui traços- φ nem traço de Caso²². Quando o locativo é do tipo de *hy*,²³ por seu turno, como em (23) abaixo, é um quase-argumento (*pro* quase-argumental) que ocupa a posição de sujeito no Sintagma Verbal/*Small Clause*, com o qual T valorará traços- φ e traço de Caso, bem como traço EPP. Nessa situação, o tema portará Caso

²¹ Uma distinção básica estabelecida por CHOMSKY (1981) para caracterizar expletivos (em oposição a argumentos plenos) é o fato de estes não receberem papel-temático.

²² Atribui-se normalmente a inserção do quase-argumento (expletivo puro, no inglês) em [Spec,TP] a casos em que o tema é pós-verbal, pois, quando este se encontra antes do verbo, valorar o traço EPP de T. Para nós, não haveria a necessidade da ativação de dois mecanismos distintos para a obtenção de sentenças existenciais com DP pós ou pré-verbal – em ambos os casos, o quase-argumento estará ocupando a posição [Spec,TP]; assim, quando o Tema se encontrar à direita na sentença estará na periferia de CP, na posição de tópico ou foco – o Caso nominativo será valorado com o DP *in situ*.

²³ Os clíticos locativos *ci* e *hy* só portam traço [locativo], valorado por T.

inerente partitivo. O clítico locativo (\emptyset e *hy*), que é gerado junto com o DP (dentro de uma *Small Clause*) se adjunge a T', conforme demonstrado nos esquemas abaixo.

- (22) [_{TP} e *pro*_{expletivo-puro} [T' \emptyset -loc+som+T' [_{DP} \emptyset -loc [*q(ua)rêeta e hũa leis* [_{+nom,+φ}]]]]] (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV.
Fonte: CIPM)

- (23) [_{TP} *pro*_{quase-argumental} [_{+nom,+φ}] [T'hy+a+T' [_{DP} hy [*muytos mouros...*]]]]] (Crônica de D. Afonso, Capítulo II – Século XIV.
Fonte: CIPM)

A partir do que é afirmado acima, podemos tentar uma explicação para a passagem de *haber* de possessivo a existencial.

Consideramos que a presença de *hy* acarreta uma mudança de estatuto do verbo *haber*: enquanto nas construções de posse, *haber* contava com um sujeito argumental pleno, portador de traço geralmente [+humano], *haber existencial* ocorre com um sujeito quase-argumental (do tipo do *il* francês, só que nulo²⁴, segundo FREEZE (1992) e KAYNE (2006)). Em (24), apresentamos a configuração para uma sentença *possessiva* e, em (25), para uma *existencial*, chamando a atenção para o constituinte que ocupa a posição de sujeito em cada uma delas [Spec,IP/TP]. Estamos seguindo as configurações propostas por FREEZE (1992), apresentadas na Seção 2.

²⁴ No Português Europeu Contemporâneo, são encontradas construções existenciais com o pronome “ele” na posição de sujeito, num emprego análogo ao do *il* francês, conforme demonstrado nestas sentenças:

- (i)
- Afinal o que importa não é ser novo e galante // - ele há tanta maneira de compor uma estante! (Mário Cesariny 1945-6, 1991: 14)
 - Ele há espadilha no mar. (Vila Praia de Âncora, CORDIAL VPA53)
 - É a estrela da manhã (...) e há a estrela... Bom, ele há várias estrelas, não é?(Nisa, CORDIAL AAL92)
 - Ele há o sete-estrelas, há o cacheiro. (Nisa, CORDIAL AAL93) (CARRILHO, 2001: 3)

- (24) $[_{IP} [_P \textit{Ihesu Cristo}]_i [_P \acute{a} \textit{duas naturas d'omen e Deus}] [_P \textit{t}_i]]]$ $[_{PP} \textit{en sy} [_{NP} \textit{duas naturas}]]]$
- (25) $[_{IP} \textit{pro} [_P \textit{avya hi} [_{PP} \textit{hi} [\textit{muitos mouros}]]] [_P \textit{acerca da cidade}]]]]]$

Como estamos associando concordância e Caso, justificamos o fato de T não tomar como alvo *muitos mouros*, com que, inclusive, não concorda em número, porque está concordando com *pro*.

Passemos agora ao segundo ponto a ser analisado nesta seção: o fator que fez com que *ser* perdesse o posto de verbo existencial canônico do português. Assumimos aqui a proposta de RIBEIRO (1996) de que esse verbo portava traço [locativo], o qual perdeu, deixando de poder ser licenciado entre as *existenciais*. Conforme registrado na introdução deste trabalho, ao mesmo tempo em que *ser* era empregado em construções existenciais, também o era em construções locativas/situativas e copulares transitórias (ao lado de *estar*, sendo suplantado por este no século XVI). As existenciais e as locativas/situativas têm em comum o fato de ocorrerem com constituintes que envolvem a noção de locação, daí sustentarmos nossa proposta de que o verbo *ser*, nesses padrões sentenciais, possui um traço [locativo]. A partir de quando *ser* perdeu esse traço, deixou de ser licenciado entre as existenciais e locativas. Adotamos a visão de FREEZE (1992) de que o clítico locativo (proforma, em seus termos) consiste na realização fonológica do traço [locativo] do verbo existencial, que pode ser nulo.

Tendo discutido quando e como se deu a “migração” de *haber* das construções possessivas para as existenciais, substituindo *ser*, vamos nos voltar para o nosso segundo objetivo: mostrar se essa mudança refletida nos textos escritos resultou de ‘competição de gramáticas’.

4 Variação e mudança linguísticas à luz da noção de ‘competição de gramáticas’

Tratando inicialmente dos fatores intralinguísticos, vimos, conforme análise desenvolvida na Seção 3.2, que foram selecionados como condicionadores do uso de *ser/haver* a *definitude do Tema* (*haver* ocorre preferencialmente com temas indefinidos e *ser*, com definidos) e a *realização do pronome hy* (que acontece quase exclusivamente com *haver*).

Ainda, apesar de não terem sido selecionados pelo *Goldvarb*, alguns fatores merecem destaque: (a) a *posição do Tema na sentença*, que está relacionada com a definitude, visto que os temas definidos (que favorecem o verbo *ser*) vêm normalmente à esquerda do verbo; (b) o *presente do indicativo*, que levou à expansão de *haver* ao longo dos séculos; e (c) *Temas cujo traço semântico é [abstrato]*. A importância desses resultados está no sentido de que podemos chegar à conclusão de que *ser* e *haver* não demonstram ser itens funcionalmente idênticos, não estando sujeitos ao *Blocking Effect*²⁵.

Dessa forma, quanto aos fatores intralinguísticos analisados, concluímos que o fato de o verbo *haver* ter substituído o verbo *ser* na expressão de existência não quer dizer necessariamente que essa mudança seja reflexo de ‘competição de gramáticas’; podemos afirmar com certeza que *haver* acabou ocupando todos os espaços de *ser*, o que

²⁵ KROCH (1994: 8) cita casos de formas que coexistem estavelmente nas línguas devido a não serem funcionalmente idênticas (serem quase-duplos), como no inglês antigo, “shined” (transitivo/causativo) vs. “shone” (intransitivo), assim como o caso interessante da distinção entre formas verbais sintéticas e analíticas do islandês - as primeiras ocorrem com as pessoas cuja flexão número-pessoal é capaz de identificar/ licenciar *pro* e as últimas com a terceira pessoa, consistindo numa diferença no conteúdo do núcleo funcional. Essas duas variantes não poderiam coexistir, porque diferem somente em um traço morfossintático e não no significado, todavia coexistem. Isso porque o *Blocking Effect* deve respeitar o fato de que classes formais morfológicas são ubíquas e estáveis na língua. Não nos parece ser isso o que acontece no português, quando *ser* concorda com o Tema no plural e *haver* não concorda (ambos ocorrem com argumentos plurais); por exemplo, não há casos em que *ser* acontece somente com argumentos no plural e *haver*, somente com argumentos no singular ou em que *ser* ocorre somente com argumentos com traço [+humano], de um lado, e *haver*, com argumentos com traço [abstrato], de outro, ou, ainda, em que *ser* ocorre no passado e *haver*, no presente etc.

o tornou obsoleto e ‘bloqueado’. Contudo, a análise pautada somente em fatores intralinguísticos não pode ser conclusiva para constatar-se se as mudanças envolvendo verbos existenciais e possessivos são reflexo de ‘competição de gramáticas’, daí passarmos à análise das motivações sociolinguísticas na próxima seção.

Conforme afirmado na introdução, KROCH (1994:1-2) se vale do *Blocking Effect* (ARONOFF, 1976) para invalidar a ocorrência de *doublets* nas línguas. Logo, no caso da presença de *doublets* em uma dada língua, o *Blocking Effect* “entra em ação”, eliminando uma das formas²⁶.

Todavia, isso não exclui a possibilidade de que duplos ocorram nas línguas. Logo, uma forma encontrada por KROCH (1994:6) para explicar esse fato sem invalidar o princípio do *Blocking Effect*, é atribuir aos duplos uma origem sociolinguística:

Doublets arise through dialect and language contact and compete in usage until one or other form wins out. Due to their sociolinguistic origins, the two forms often appear in different registers, styles, or social dialects; but they can only coexist stably in the speech community if they differentiate in meaning, thereby ceasing to be doublets. Speakers learn either one or the other form in the course of basic language acquisition, but not both. Later in life, on exposure to a wider range of language, they may hear and come to recognize the competing form, which for them has the status of a foreign element. They may borrow this foreign form into their own speech and writing for its sociolinguistic value or even just because

²⁶ Em seu trabalho sobre mudança sintática, KROCH (1994) propõe que formas inovadoras vão expulsando as formas antigas na língua ao longo dos séculos, e que a forma inovadora é encontrada em diferentes frequências em diferentes contextos, e, o mais importante, que a taxa com que a nova forma substitui a antiga é a mesma em todos eles. Esses são os fundamentos do que KROCH (1989) denomina ‘Efeito da Taxa Constante’. Para confirmar esse efeito, o autor se vale de análise probabilística, que não será possível empregarmos em nossa análise, por não dispormos de dados suficientes a serem submetidos a esse tratamento estatístico.

it is frequent in their language environment. Over time, however, as dialects and registers level out through prolonged contact, the doublets tend to disappear.

Contudo, como o próprio KROCH (1994:5) já assinalou, não consiste numa tarefa fácil para o linguista (nem assim o deve ser, como bem pontua o autor), mostrar que uma variação ou mudança linguística se dá entre opções gramaticalmente incompatíveis, refletindo, assim, competição entre gramáticas²⁷:

The difficulty introduced by the possibility of Grammar competition is not for the learner but for the linguist, for whom a methodological question arises; namely, how to know when grammar competition should be invoked and when failure to find a unified analysis means only that more research is needed [...]

Analisar o passado com o olhar do presente é uma tarefa um tanto melindrosa, pois o linguista, além de não dispor de intuição linguística para analisar a língua falada na época, nem sempre conta com informações relativas aos textos analisados, como data e local de nascimento do autor, e local onde passou os primeiros anos de sua vida, dados importantes para sabermos sob que condições se deu sua formação (aquisição) linguística.

²⁷ No Curso *Diachronic Syntax: statistical fingerprints of grammar change*, realizado no XX Congresso da Associação Brasileira de Linguística em fevereiro de 2011, na Universidade Federal do Paraná, Kroch ressaltou que alguns linguistas têm considerado fácil mostrar que a variação ou a mudança envolvendo um dado fenômeno linguístico não reflete competição de gramáticas; logo, não tendo sido motivadas por fatores externos à língua. Para ele, no entanto, constitui uma tarefa difícil para esses linguistas comprovarem que as motivações da mudança foram intralinguísticas e não sociolingüísticas, já que o analista poderá (a) estar diante de “maus dados” (o que vamos discutir na próxima seção sobre os dados de que dispomos), o que poderá levá-lo a uma má interpretação dos mesmos ou (b) estar usando um arcabouço metodológico inadequado para o tipo de análise a que se propõe.

Aqui se coloca outro desafio para o linguista: Como comprovar que as causas das mudanças estudadas são sociolinguísticas diante dos dados de que dispomos?

Pensando primeiramente sobre o grupo de fatores extralinguísticos *gêneros textuais*, algumas questões se colocam:

(1) Analisando o gênero textual (documentos notariais, textos narrativos e textos dissertativos, seria adequado assumirmos a postura adotada em trabalhos sobre o português atual, tomando, por exemplo, os textos narrativos como mais próximos da oralidade? Para tanto, seria necessária uma pesquisa acurada sobre os gêneros textuais no português medieval, o que consistiria em outro trabalho, não sendo o foco desta pesquisa;

(2) Como se caracterizava a linguagem falada retratada nas narrativas analisadas – estava ou não voltada para o padrão linguístico da época? A princípio, nossa resposta seria afirmativa, visto que as crônicas versam sobre feitos dos reis (nobres) e contam histórias sobre a vida de santos cujos personagens ou eram pessoas da própria nobreza e do clérigo ou a eles ligados. Entretanto, como discutiremos a seguir, é necessária uma reflexão sobre o que consistia no padrão linguístico nos períodos antigo, médio e clássico (somente o século XVI), tendo em vista que a preocupação dos escritores nessa época era com a formação do português enquanto uma língua independente²⁸ (cf. ILARI & BASSO, 2006).

(3) Como lidar com problemas relacionados à coleta de dados disponíveis, quando esses são ‘limitados’?

Em nosso caso, por exemplo, encontramos basicamente textos narrativos na segunda metade do século XVI (contando com documentos notariais apenas na primeira metade desse século)²⁹.

²⁸ Ilza Ribeiro sugere que uma solução para esse problema seria pensar em textos que eram escritos para serem lidos para o público e textos escritos no sentido estrito.

²⁹ Ressaltamos que, ao considerarmos especificamente o grupo de fatores *gênero textual*, deixamos os dados desse século fora da rodada no *Goldvarb*.

Considerando que a mudança estudada provavelmente tenha sido motivada por fatores sociolinguísticos, assim como outras ocorridas nesse período, buscamos informações relativas, ao menos, ao local onde os textos foram escritos, já que não dispomos de muitas informações sobre os autores, de modo a verificarmos se era possível contrapor diferenças linguísticas em termos de região geográfica, por exemplo. Mas praticamente todos os textos foram escritos por escritores que viviam em Lisboa. Ainda, como saber se viveram sua infância em Lisboa (eis outro ‘complicador’)?

Uma alternativa encontrada foi buscarmos informações sobre o contexto sociocultural que envolve tanto o latim vulgar quanto o português dos períodos antigo e médio (veja comentários sobre os verbos *ser* e *haver* no latim na introdução deste texto).

Pensando sobre a noção de prestígio que uma forma linguística possui junto à sociedade, bem como sobre o fato de que o latim clássico se opunha ao latim vulgar, que era o vernáculo, ou seja, “o aprendizado que se dá, por assimilação espontânea e inconsciente, no ambiente em que as pessoas são criadas” em contraposição a “tudo aquilo que é transmitido através da escola” (ILARI & BASSO, 2006:15), podemos concluir que *ser* pode ser tida como a variedade de prestígio, por ser uma variação do verbo *esse* do latim clássico³⁰. Ademais, o fato de a Sociolinguística, normalmente, tomar a forma mais antiga como a que goza de maior prestígio na sociedade vem corroborar nossa afirmação, pois o verbo *ser* é a forma mais conservadora.

ILARI & BASSO (2006:17) ainda registram que

o latim vulgar foi uma variedade de latim principalmente falada, a mesma que os soldados e comerciantes romanos levaram às regiões conquistadas durante a formação do

³⁰ Contudo, isso não é via de regra, haja vista o clássico trabalho de LABOV (1963) sobre o dialeto de Martha’s Vineyard, em que falantes rurais (pescadores) favorecem a forma não-padrão como uma maneira de reagirem à ‘invasão’ dos veranistas por meio de uma demarcação linguística.

Império que foi passando de geração em geração sem ser ensinada formalmente.

Dá-se o contrário com o latim literário, que “foi criado pelo esforço consciente de várias gerações de escritores e tinha fins estéticos”, sendo “uma forte referência cultural” (ILARI & BASSO, 2006:17).

Somado a isso está o fato de o latim vulgar ter se fragmentado devido às invasões ‘bárbaras’, resultando nas línguas românicas. Todavia, a fragmentação do latim vulgar não se deveu somente a causas externas, mas também a causas internas, tais como o despovoamento do império romano em decorrência das guerras civis, das constantes invasões bárbaras, bem como de uma terrível epidemia de peste que durou mais de quinze anos dizimando milhões de cidadãos romanos; o empobrecimento da população, “incompatível com os altos impostos cobrados para a manutenção do fausto da corte imperial” (BASSETO, 2001:139); a decadência militar, com a redução do efetivo, o que forçou os imperadores a buscar reforços entre os bárbaros, ocasionando a sua presença em todo o império, consistindo no que se tem chamado “invasão pacífica”.

Quanto ao padrão linguístico retratado nos textos do português antigo e médio, também não se pode precisar como ele era estabelecido, já que, conforme ILARI & BASSO (2006:22), no século XIII, por exemplo, os documentos notariais (escrituras de cartório relativas a demandas, heranças e doações) adotavam a fala corrente, o que constituía um problema para os escribas medievais, por falta de uma padronização.

Com relação ao português, considerando que fatores externos influenciam a história interna da língua, CASTRO (2006) cita como fatores que podem ter influenciado as mudanças linguísticas que marcaram o português médio, entre outras: (a) as obras dos filhos de D. João I; (b) assim como as de seu pai, escritor; (c) a influência de seu avô, que, apesar de não ter influenciado na literatura, trouxe para

Portugal técnicas novas de vencer batalhas aos castelhanos; e (d) de seu trisavô, Afonso III, que transferiu a sede do poder de Guimarães para Lisboa (cf.: MESSNER, 1983, 2002). Ainda, com o advento da dinastia de Avis, Lisboa se converteu no modelo a ser seguido por todos; e, linguisticamente, o eixo Lisboa-Coimbra se tornou o centro do domínio da língua portuguesa, segundo TEYSSIER (1982).

Sabemos que, de acordo com estudiosos históricos, muitas mudanças linguísticas culminaram no século XVI, que consistiu num período de efervescência cultural e artística em Portugal, sendo “apontado como o século de ouro na literatura portuguesa” (ILARI & BASSO, 2006:28), “um período de forte preocupação com a língua portuguesa”, na tentativa de fixá-la (ILARI & BASSO, 2006:28). Nesse período, foram suprimidas muitas formas e construções encontradas no período arcaico, de acordo com ILARI & BASSO (2006:29); também se buscou “enriquecer a língua através de uma convivência íntima com o latim clássico”. Diante dessas colocações, que fizemos questão de citar na íntegra, talvez possamos concluir que as formas linguísticas adotadas deveriam refletir o que a sociedade (ou a elite social, econômica) tomava como culturalmente melhor.

Em suma, encontramos-nos diante de duas situações: (a) de um lado, a análise dos fatores extralinguísticos não é suficiente para afirmarmos que as causas das mudanças foram sociolinguísticas; logo, não temos como falar em ‘competição de gramáticas’. Isso nos conduz à mesma conclusão a que chegamos na análise dos fatores intralinguísticos: de que não estamos diante de ‘competição de gramáticas’, tratando-se de mudanças cujas motivações foram intralinguísticas – *haver* foi ‘invadindo’ os contextos ocupados por *ser*, em decorrência da alteração na configuração dos traços que compunham essas formas verbais, conforme discutido na seção 4 deste trabalho; (b) por outro lado, tendo em conta que as mudanças aqui estudadas, envolvendo verbos existenciais e possessivos, ocorreram no mesmo período em que se deram tantas outras, motivadas, segundo CASTRO (2006), por fatores

externos, conforme discutido, poderíamos concluir que tais mudanças consistem em reflexos de ‘competição’ entre gramáticas.

Diante desse quadro, é necessário ressaltarmos que este trabalho longe de pretender ser conclusivo, propôs-se a discutir os desafios do linguista que trabalha com dados históricos ao analisar a gramática internalizada do falante refletida nos dados por ele escritos.

Conclusões

Através da análise de textos escritos em Português Arcaico e Médio, esperamos ter mostrado que:

(a) *ser* e *haver existenciais* não consistiam em dois itens funcionalmente idênticos, logo, não se pode falar em ‘competição de gramáticas’, o que foi demonstrado através da análise de fatores condicionadores intra e extralinguísticos: a mudança é decorrente exclusivamente de fatores de ordem intralinguística;

(b) são vários os desafios que se colocam ao linguista histórico que toma como base pressupostos teóricos que se pautam na intuição linguística do falante para lidar com (analisar) dados de épocas passadas, o que torna a análise ainda mais instigante e crítica.

Referências

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. MIT Press, 1976.

AVELAR, J. O. de. **Dinâmicas morfossintáticas com TER, SER e ESTAR em português brasileiro**. 2004. 248f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro**. Letras de Hoje, Porto Alegre: PUC-RS. 2006a, v. 143, p. 49-74.

_____. **Gramática, competição e padrões de variação:** casos com “ter/haver” e “de/em” no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. 2006b, v. 14, p. 99-144.

_____. **Relatório Científico de Pós-Doutoramento.** São Paulo: USP. 59f, 2007.

BASSETO, B. F. **Elementos de Filologia Românica.** São Paulo: EDUSP, 2001.

BELLETTI, A. **The case of unaccusatives.** *Linguistic Inquiry*, 19, 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral.** Tradução Maria da Glória Novak e Luiza Neri. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995, p. 247-259.

CARDEIRA, E. ***Entre o Português Antigo e o Português Clássico.*** Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

CARRILHO, E. **Expletivos do Português Europeu em Foco:** a evidência dos dados dialectais. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 200, p. 131-145.

CASTRO, I. **Introdução à História do Português.** 2. ed. Lisboa: Colibri, 2006.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding.** Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **The minimalist program.** Cambridge: MIT Press, 1995.

CLARK, E. **Locational: existential, locative and possessive constructions.** In: GREENBERG, J. (Org.). **Universals of Human Languages**, v. 4. Syntax, Stanford: Stanford University Press, 1978.

DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. *On the definition of word*. The MIT Press, Cambridge, Ma, 1987.

EMBICK, D. **Blocking effects and analytic/synthetic alternations**. *Natural Language and Linguistic Theory*. 2007, n. 25, p. 1-37.

FREEZE, R. **Existential and Other Locatives**. *Language*. 1992, n. 68, p. 553-595.

GALVES, C. M. C.; NAMIUTI, C. & SOUSA, M. C. P. de. **Novas perspectivas para antigas questões: A periodização do português revisitada**. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIEB (Org.). **Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchronie und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

GONÇALVES, E. **Ser ou não ser, eis a questão: construções “existenciais” com o verbo ser no português brasileiro contemporâneo**. 2012. 153f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

HALLE, M.; MARANTZ, A. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection**, *The View from Building 20*, Cambridge, MA: MIT Press, p. 111-176, 1993.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KATO, M. A. **Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese**. *DELTA*, 23 (*Especial*): *Homenagem a Lucia Lobato*, 85-111, (1990) 2007.

KAYNE, R. S. **Expletives, Datives, and the Tension between Morphology and Syntax**. In: BIBERAUER, T. (Ed.). *The Limits of Syntactic Variation*, John Benjamins, Amsterdam, p. 175-217, 2006.

KROCH, A. **Morphosyntactic variation**. In: BEALS, K. (Ed.). *Proceedings of the thirtieth annual meeting of the Chicago Linguistics Society*. 1994, v. 2, 180-201.

LABOV, W. **The social motivation of a sound change**. *Word*, N. 19, p. 273-309, 1963.

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MAIA, C. A. **História da língua portuguesa**. Guia de estudo. Coimbra (Faculdade de Letras), 1995.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

_____. **O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe**. Contexto: São Paulo, 1994.

_____. **Variação e mudança no português arcaico: TER ou HAVER em estruturas de posse**. In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. R. D. (Org.). *Miscelânea in memoriam de Celso F. da Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 288-298.

_____. **A variação haver/ter**. In: _____. (Org.). **A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500**. Salvador: EDUFBa/UEFS/CNPq, 1996, p. 181-194.

_____. **Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista**”, *Estudos lingüísticos e literários*. 1997, n. 19, p. 253-285.

_____. **A definição da oposição entre “ser” e “estar” em estruturas atributivas nos meados do século XVI.** In: _____.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista: estudos lingüísticos.** Salvador: EDUFBA, 2002a, p. 103-117.

_____. **Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teorias em João de Barros.** In: _____.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista: estudos lingüísticos.** Salvador: EDUFBA, 2002b, p. 119-142.

MESSNER, D. **A peste de 1348, um factor muito pouco considerado nas Histórias das Línguas Românicas.** Boletim de Filologia, n. 28, p. 237-239, 1983.

_____. **Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa.** Descrição do Português: lingüística histórica e historiografia lingüística, Trilhas Lingüísticas. 2002, n. 3, p. 97-117.

MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolingüística Variacionista.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992 (Cadernos Didáticos UFRJ).

RIBEIRO, I. M. O. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS I.; KATO, M. A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica,** Campinas, Editora UNICAMP, 1996, p.343-386.

SZABOLCSI, A. The noun phrase. In: KIEFER, F.; KISS, K. **The syntactic structure of Hungarian.** Syntax and Semantics, 27. San Diego: Academic Press, 1994.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa.** Lisboa: Sá da Costa, 1982.

Parte II – Referências correspondentes aos documentos disponibilizados no *Corpus* Informatizado do Português Medieval e no *Corpus* Tycho Brahe

BARROS, João de. **Gramática** (1497). In: *CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe*. Materiais de Apoio. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl>. Acesso em: 23 out. 2012.

BRAGANÇA, J. de. **Crónica de Guiné de Gomes Eanes de Zurara**. Introdução, novas anotações e glossário (com correcções à edição de 1937). Porto: Livraria Civilização, 1973.

CASTRO, I. et al. **Vidas de santos de um manuscrito alcobacense**. Lisboa: INIC. 1985, 16-52; 59-83.

CINTRA, L. F. L. **Crónica Geral de Espanha de 1344**. Lisboa: INCM, 1951.

CLÍTICOS da História do Português. In: *CORPUS* Informatizado do Português Medieval. Disponível em: < <http://cipm.fcsh.unl.pt>>. Acesso em: 23 out. 2012.

_____. **Documentos notariais dos séculos XII a XVI**. Edição Digitalizada, 2000.

DUARTE, L. F. **Os documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III**. 1986. 295f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1986.

FERREIRA, J. A. **Alphonse X, Primeyra Partida**. Braga. INIC. 1980, 5-580.

_____. **Afonso X, Foro Real**. Lisboa: INIC. 125-309, 1987.

GANDAVO, Pero Magalhães. **História da Província de Santa Cruz** (1576). In: **CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe**. Materiais de Apoio. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>. Acesso em: 23 out. 2012.

GARVÃO, M. H. **Foros de Garvão**. Edição e estudo linguístico. 1992. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

GONÇALVES, E. **Ser ou não ser, eis a questão**: construções “existenciais” com o verbo ser no português brasileiro contemporâneo. 2012. 153f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

LOPES, Fernão. **Crônica Del-Rei Dom João I** (1380). In: **CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe**. Materiais de Apoio. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>. Acesso em: 23 out. 2012.

MAIA, C. A. **História do Galego-Português**. Coimbra: INIC. 1986, 19-295.

NOTÍCIA de Torto. In: **CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe**. Materiais de Apoio. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/cursos/materiais/material_de_apoio.pdf>. Acesso em: 23 out. 2012.

PIEL, J. M. **Leal Conselheiro** (Ed. crít.). Lisboa: Livraria Bertrand. Edição digitalizada, revista por J. Dionísio e S. Alvarez, 1942.

PINA, Ruy de. **Crônica Del-Rei D. Diniz** (1440). In: **CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe**. Materiais de Apoio. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>. Acesso em: 23 out. 2012.

PINTO, Fernão Mendes. **Perigração** (1510). In: *CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe*. Materiais de Apoio. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl>. Acesso em: 23 out. 2012.

RODRIGUES, M. C. M. **Dos Costumes de Santarém**. 1992. 251f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

TEMPOS dos Preitos. In: *CORPUS Informatizado do Português Medieval*. Disponível em: < <http://cipm.fcsh.unl.pt>>. Acesso em: 23 out. 2012.